

CLASSIFICAÇÃO NOMINAL EM MUNDURUKÚ: ASPECTOS SEMÂNTICOS**NOMINAL CLASSIFICATION IN MUNDURUKÚ: SEMANTIC ASPECTS**

Edilson Pinheiro da Costa¹
Gessiane Lobato Picanço²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo examinar os aspectos semânticos da classificação nominal em Mundurukú, língua tupi. Os classificadores Mundurukú originam-se de nomes inalienáveis e ocorrem em estruturas de superfície para denotar propriedades físicas inerentes à entidade à qual estão associados; em particular, eles categorizam um nome em termos de sua forma e/ou consistência. Defendemos a ideia de que, embora existam alguns aspectos morfossintáticos que possam diferenciar um classificador do nome de origem, os traços semânticos são fundamentais, pois são raízes nominais vinculadas cujo significado é de natureza metafórica. Para este estudo, reunimos um corpus com aproximadamente 400 construções nominais, incluindo nomes categorizados e não categorizados. No caso da categorização de substantivos, comparamos as construções em que um determinado substantivo ocorreu com seu significado original àquelas em que seu significado era metafórico. Com base nesse critério, propomos que existam pelo menos 12 classificadores verdadeiros na língua. Isso é feito examinando-se os domínios semânticos de onde derivam e nos quais ocorrem. Os resultados sugerem um sistema com clara motivação semântica, uma vez que nomes que designam animais e seres inanimados podem ser, em geral, categorizados, dependendo de qual propriedade do nome está em foco, se sua forma, sua consistência ou ambas.

PALAVRAS-CHAVE: Mundurukú. Classificação nominal. Classificadores. Traços semânticos.

ABSTRACT: This paper aims at examining the semantic aspects of nominal classification in Mundurukú, a Tupian language. Mundurukú classifiers originate from inalienable nouns and occur in surface structures to denote inherent physical properties of the entity to which they are associated; in particular, they categorize a noun in terms of its shape and/or consistency. We pursue the idea that, although there some morphosyntactic aspects that can differentiate a noun classifier from the original noun, semantic features are fundamental, since they are bound nominal roots whose meaning is metaphorical in nature. For this study, we gathered a corpus with approximately 400 nominal constructions, including both categorized and non-categorized nouns. In the case of noun categorization, we compared constructions in which a particular noun occurred with its original meaning to those in which its meaning was metaphorical. Based on this criterion, we propose that there are at least 12 true classifiers in the language. This is done by examining the semantic domains from which they derive and in which they occur. The results suggest a system with clear semantic motivation, since nouns that designate animals and inanimate beings can be, in general, categorized, depending on which property of the noun is in focus, whether its shape, its consistency or both.

KEYWORDS: Mundurukú. Nominal classification. Classifiers. Semantic features.

1 Introdução

Dizer “dente de alho” ou “batata da perna” soa natural para falantes de Português, ainda que “dente” e “batata”, nessas construções nominais, não carreguem, de fato, os significados originais, mas sim nomeiem seres “parecidos” com um dente ou uma batata. Essas construções são pouco produtivas na língua, afinal, ninguém diz “um dente de laranja” ou “um dente de limão”, embora esses frutos também tenham divisões semelhantes aos “dentes” do alho. Isso

¹ Graduando do curso de Letras, habilitação em Língua Portuguesa, na Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC/UFPA. Email: edilsonpinheiro12@gmail.com. ORCID: 0000-0001-6498-7578.

² Pós-Doutorado em Linguística pelo Laboratoire Dynamique du Langage (CNRS), Lyon, França. Docente da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Email: picanco.g@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-5699-1470.

ocorre porque a Língua Portuguesa não categoriza os nomes de acordo com suas características físicas; nomes são marcados para outras propriedades gramaticais, em particular, o gênero. Neste estudo, examinaremos a língua Mundurukú, cujos nomes podem ser classificados de acordo com duas propriedades semânticas principais: sua forma e/ou consistência.

Mundurukú é uma língua do tronco Tupí, família Mundurukú (RODRIGUES, 1986). De acordo com Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2012), a população Mundurukú totaliza 13.103 indígenas, que estão localizados nos estados do Amazonas, Pará e Mato Grosso. Em relação à presença de falantes, é no estado do Pará que nos deparamos com uma situação mais estável, diferentemente do Amazonas, onde a língua já foi substituída pelo português (PICANÇO, 2012). Em Mundurukú, as categorias gramaticais relevantes para classificar nomes são a Posse, que os divide em alienáveis, inalienáveis e não possuídos; e a Classificação, que os divide em nomes classificados e não classificados (CROFTS, 1973, 1985/2004). Examinaremos os aspectos semânticos de classificadores na língua, que possuem significados de natureza metafórica, tendo como origem principalmente partes do corpo. Por fim, apresentamos uma proposta de um inventário formado por 12 classificadores (COSTA, 2022), cujo total tem sido alvo de divergências em estudos anteriores, além dos domínios semânticos de origem e de ocorrência.³

2 Classificação nominal em Mundurukú

Segundo Chappell e McGregor (1989, p. 28), “[...] classificação refere-se ao fenômeno através do qual o dependente nominal indica o tipo de entidade que é referido pelo núcleo nominal”⁴. Ou seja, por meio da classificação, o referente de um nome classificado tem algum traço semântico ressaltado por um morfema na estrutura da palavra (ALLAN, 1977). Pelo critério de classificação, segundo Crofts (1973, 1985/2004), o Mundurukú separa os nomes em dois grandes grupos: os nomes que são classificados e os nomes que não são classificados.

(1) Nomes não classificados⁵

a) kağa ‘cana de açúcar’

b) ikoerõ ‘mosca’

c) korara ‘cerca’

d) wa'e ‘cuia’

(2) Nomes classificados

a) ako-**ba** ‘banana’
banana-CLF.cilíndrico e rígido

b) warepupu-**dup** ‘borboleta’
borboleta-CLF.laminar

³ Este estudo é um recorte, com adaptações, da pesquisa apresentada no trabalho intitulado “Estudo dos Classificadores nominais em Mundurukú (Tupí)” (COSTA, 2022).

⁴ “Classification refers to the phenomenon whereby the dependent nominal indicates the type of entity that is being referred to by the head nominal.” (CHAPPELL E MCGREGOR, 1989, p. 28).

⁵ Os exemplos são dados na ortografia da língua. Os nomes inalienáveis, assim como outros morfemas da língua, exibem alternância de vozeamento nas consoantes oclusivas iniciais (PICANÇO, 2005), que é representada na superfície, daí serem grafadas ora com <p, t>, ora com <b, d>. A menos indicado de outra forma, os dados foram compilados a partir de anotações pessoais da professora Gessiane Picanço.

- c) posũḡ-ti ‘xarope’
remédio-CLF.líquido
- d) oho-'uk ‘flauta’
flauta-CLF.oco

Crofts (1973, p. 54) descreve os classificadores como “proformas dos substantivos completos que classificam, e se incorporam em nomes numerais, demonstrativos-locativos e verbos num sistema de concordância”, e, em um trabalho posterior (1985), chega a postular cerca de 50 raízes classificadoras. Esse total é bem diferente de outro, proposto por Comodo (1981, p. 9), que considera como classificadoras “todas as raízes que designam partes do organismo animal ou vegetal e algumas que designam elementos da natureza e elementos culturais”, o que levou a autora a postular 121 desses itens. Martines (2007), por outro lado, valendo-se de uma abordagem semântica, chegou a um total de 40, bem diferente de Gomes (2009), que propõe somente seis.

Essas discrepâncias devem-se a dois motivos: classificadores originam-se de nomes inalienáveis (ver seção 2.1), daí, morfossintaticamente, tanto o nome quanto o classificador derivado dele exibem comportamento muito semelhante, ocorrendo em nomes, numerais e demonstrativos, que compõem um mesmo sintagma com o nome classificado; e em verbos, dos quais o nome classificado é argumento (GOMES, 2006). Por questão de espaço, neste artigo, não aprofundaremos a discussão dos aspectos morfossintáticos da classificação em Mundurukú, porém, apresentaremos um dos argumentos que corroboram a análise de que os classificadores são raízes nominais presas, aspecto esse considerado por nós para definir um classificador como tal na língua. Para outras informações sobre aspectos morfossintáticos da classificação mundurukú, recomendamos os trabalhos de Comodo (1981), Crofts (1973, 1985/2004), Gomes (2006, 2009) e Costa (2022).

2.1 Nomes inalienáveis e a origem dos classificadores

Em Mundurukú, nomes inalienáveis são nomes que sempre e somente ocorrem com alguma referência de posse. Em maioria, esses nomes designam partes de um todo e, quando associados ao possuidor, constituem com este um sintagma nominal (SN), seguindo Gomes (2006), por meio da justaposição possuidor-possuído. Para este estudo, reunimos um corpus com aproximadamente 400 construções nominais, comparando nomes categorizados e não categorizados e, no caso da categorização, comparamos as construções em que um nome ocorreu com seu significado original àquelas em que seu significado era metafórico. Os exemplos abaixo mostram três nomes inalienáveis, *-dot* ‘cacho’, *-diḡ* ‘fumaça’ e *-pu* ‘dedo/mão’, em uso e sentido primitivos.

(3) Nomes inalienáveis

- a) ako **dot**
bananeira **cacho**
‘cacho de banana’
- b) e **diḡ**
cigarro **fumaça**
‘fumaça de cigarro’
- c) bekicat **pu**

menino **dedo**
 ‘dedo/mão do menino’

Os classificadores originam-se desses nomes inalienáveis. Diferentemente deles, porém, são morfemas que, semanticamente, não são usados em seu sentido original, mas fornecem traços semânticos específicos, referentes à forma e/ou à consistência do referente cujo nome compõem. Sendo assim, nos exemplos a seguir, *-tot* e *-bu* originam-se de *-tot/-dot* ‘cacho’ e *-pu/-bu* ‘dedo/mão’, respectivamente. Em função classificatória, o primeiro classifica nomes com forma ‘agrupada’, e o segundo, nomes com ‘forma cilíndrica e consistência flexível’; já *-diḡ* origina-se de *-tiḡ/-diḡ* ‘fumaça’ e classifica nomes de consistência mais ‘gasosa ou pulverizada’.⁶

(4) Nomes inalienáveis em função classificatória

- a) *ka'õḡ-tot*
 varrer-CLF.**agrupado**
 ‘vassoura’ (lit. cacho de varrer)
- b) *ka-diḡ*
 lugar-CLF.**gasoso/pulverizado**
 ‘poeira’
- c) *puy-bu*
 cobra-CLF.**cilíndrico e flexível**
 ‘cobra’

Como os exemplos apresentados suscitam, a diferença entre nome inalienável e classificador é, sobretudo, semântica. Embora não seja a única, é a mais visível. No nível do morfema, ambos são idênticos, embora, no primeiro caso, sejam nomes inalienáveis e, no segundo, sejam raízes presas de natureza nominal. Entretanto, a questão semântica é mais evidente: nomes inalienáveis são usados em seus sentidos originais/primitivos, enquanto classificadores têm significados de natureza metafórica. Nesse sentido, retomando os exemplos, *-tot/-dot*, *-tiḡ/-diḡ* e *-pu/-bu*, enquanto nomes inalienáveis, significam, respectivamente, ‘cacho’, ‘fumaça’ e ‘dedo/mão’. Por outro lado, *-tot/-dot*, *-tiḡ/-diḡ* e *-pu/-bu*, enquanto classificadores nominais, significam, respectivamente, ‘forma agrupada’, ‘consistência gasosa/pulverizada’ e ‘forma cilíndrica e consistência flexível’.

Em um levantamento realizado, detectamos 12 classificadores, assim considerados pelo critério semântico, ou seja, nomes cuja natureza de seus respectivos significados é metafórica. Dado que os classificadores em Mundurukú têm origem lexical clara e são fonologicamente semelhantes aos nomes dos quais se originam, fizemos comparações para selecionar, dentre os classificadores propostos em trabalhos anteriores, aqueles que exibem dois tipos de uso dos seus significados, o significado primitivo e o metafórico, em pares de construções como as que seguem:

(5) a) *ako* **dup** ‘folha da bananeira’

⁶ As consoantes oclusivas iniciais dos classificadores alternam entre surdas /p, t/ e sonoras /b, d - n/ dependendo do segmento que os antecede: sonoras quando precedidas por vogais e glides, e surdas quando precedidas por outras consoantes.

- | | | | | |
|-----|----|-------------------------------|--------------|-------------------|
| | | bananeira | folha | |
| | b) | warepupu- dup | | ‘borboleta’ |
| | | borboleta- CLF.laminar | | |
| (6) | a) | ako | dot | ‘cacho de banana’ |
| | | bananeira | cacho | |
| | b) | ka'õg̃- tot | | ‘vassoura’ |
| | | varrer- CLF.agrupado | | |

Propomos, também, que os classificadores nominais do Mundurukú dividem-se, semanticamente, em três grupos: os que fazem referência somente à forma (7); os que fazem referência somente à consistência (8); e os que fazem referência, de maneira híbrida, à forma e à consistência (9). Também discutiremos adiante um caso de um classificador específico, *-'ip*, que parece denotar “material”, o que pode indicar que o sistema de classificação está se expandindo.

- | | | | | |
|-----|----|---|--|------------------------|
| (7) | a) | wenũ-' a | | ‘ouriço (de castanha)’ |
| | | pé de castanha- CLF.ovular | | |
| | b) | parasuy-' uk | | ‘flauta’ |
| | | flauta- CLF.oco | | |
| (8) | a) | kape- di | | ‘café (líquido)’ |
| | | café- CLF.líquido | | |
| | b) | ka- diḡ | | ‘poeira’ |
| | | chão- CLF.gasoso/pulverizado | | |
| (9) | a) | puy- bu | | ‘cobra’ |
| | | cobra- CLF.cilíndrico e flexível | | |
| | b) | waje- ba | | ‘cacau’ |
| | | cacau- CLF.cilíndrico e rígido | | |

3 O aspecto semântico da classificação nominal em Mundurukú

Dentre os trabalhos disponíveis sobre classificação nominal em Mundurukú (por exemplo, CROFTS, 1973; COMODO, 1981; GOMES, 2006; MARTINES, 2007), apenas Martines (2007) trata, de modo proeminente, dos classificadores nominais do ponto de vista semântico. Com relação à morfologia ou à sintaxe desses nomes, apenas afirma, tal como Crofts (1985/2004), que são morfemas anexados às raízes de outros nomes e que podem substituí-los, fazendo referência anafórica a eles, em outras partes da oração ou mesmo do discurso; ou seja, o sistema de classificação do Mundurukú envolve concordância, por causa dessa consequente repetição do mesmo morfema em outras palavras da sentença (COMODO, 1981).

De acordo com Martines (2007, p. 25), os classificadores constituem, por si, temas nominais que servem para categorizar nomes: “[...] Constituem um sistema léxico-sintático que ocasiona uma categorização linguística de coisas diferentes e que podem ser distintas pela semântica”. Os nomes classificados são tratados como nomes morfologicamente compostos, em que os classificadores modificam, semanticamente, a raiz nominal que classificam. O autor refere-se aos nomes classificados como “locuções nominais”. Além disso, também aborda a natureza desses nomes ao argumentar que seu uso é metafórico: “[...] o uso das locuções formadas pelos classificadores e, até seu uso isolado, é possível pelo deslocamento de

significado ocorrido graças à carga metafórica que os mesmos adquiriram” (MARTINES, 2007, p. 66). Para ele, o uso dos nomes classificadores funciona da seguinte forma:

Ao compor o significado através dos classificadores, a metáfora aparece como instrumento preponderante na atribuição do significado. Dessa forma, se perguntarmos a um falante de Mundurukú porque ele chama abreviadamente a uma estrela de “ta”, semente, ele, recuperando essa relação associativa, dirá que é porque as estrelas parecem pequenas sementes. Todos os substantivos que indicam a forma de semente possuem o sufixo “-ta”. Mas, ao perguntar-lhes por que semente é nomeada com a mesma palavra, ele dirá que é “porque sim...” (MARTINES, 2007, p. 53)

Os classificadores, por meio de uma metáfora, referem-se à forma do objeto cujo nome recebe uma raiz nominal dessa natureza, a exemplo de *-’a* ‘redondo ou arredondado’ e *-pa/-ba* ‘cilíndrico e rígido’, que se originam, respectivamente, dos nomes ‘cabeça’ e ‘braço’.

Por fim, o autor lembra que os classificadores possuem carga metafórica e que essa carga é fruto do intercâmbio de significados com nomes de partes do corpo e objetos que ocupam o ambiente em que vivem os mundurukú:

Fica claro que na língua Mundurukú parte do sistema conceitual possui fundo metafórico e está baseado no corpo humano e suas particularidades. Porém, outra parte desse sistema origina-se de sua interação da observação do ambiente físico pelo homem, em que alguma relevância iconográfica foi determinante como base metafórica a esse sistema conceitual (MARTINES, 2007, p. 72)

Com isso, ressalta-se a proeminência do critério semântico na definição de um classificador, como sua natureza. Um classificador nasce de um uso metafórico. Para Gomes (2009, p. 19), “[...] uma análise da semântica presente nos níveis sugere que, quando um nome se afasta de seu sentido literal, começa a ser um forte candidato a classificador”.

Além disso, seguindo o que propõe Martines (2007), os classificadores possuem significados metaforicamente construídos com base nos significados dos nomes inalienáveis dos quais se originam. Assim, o nome inalienável para ‘folha’ *-tup/-dup* dá origem ao classificador para ‘forma laminar’, *-tup/-dup*; o nome *-pa/-ba* ‘braço’ dá origem ao classificador para ‘forma cilíndrica e consistência rígida’, *-pa/-ba*; e o nome *idibi* ‘água’, dá origem ao classificador para coisas de ‘consistência líquida’, *-ti/-di*.

Na seção a seguir, discutimos uma questão referente aos conceitos semânticos expressos pelos classificadores em Mundurukú e apontamos um indício de sistematicidade do fenômeno na língua.

3.1 Conceitos semânticos expressos pelos classificadores

Em Mundurukú, os classificadores ocorrem em nomes de animais, de frutos, de artefatos, de elementos da natureza e em nomes emprestados. Por exemplo, o classificador *-pu/-bu* ‘cilíndrico e flexível’ é um classificador que faz referência, de forma híbrida, à forma e à consistência dos nomes que classifica. Ocorre em alguns nomes dos domínios semânticos “animais” e “artefatos”:

(10) Animais classificados com *-pu/-bu*

- a) **puy-bu** ‘cobra’
 cobra-CLF.cilíndrico e flexível

- b) puysururũg-**pu** ‘jararaca’
jararaca-CLF.cilíndrico e flexível
- c) musure-**bu** ‘poraquê’
poraquê-CLF.cilíndrico e flexível
- d) nasẽg-**pu** ‘lombriga’
lombriga-CLF.cilíndrico e flexível
- e) napẽn-**pu** ‘centopeia’
centopeia-CLF.cilíndrico e flexível
- f) 'ot-**pu** ‘verme’
verme-CLF.cilíndrico e flexível
- (11) Artefatos classificados com *-pu/-bu*
- a) ixi-**bu** ‘cipó’
corda-CLF.cilíndrico e flexível
- b) bõrõ-**bu** ‘fio/linha de algodão’
algodão-CLF.cilíndrico e flexível
- c) wayõm-**pu** ‘tipiti’
tipiti-CLF.cilíndrico e flexível
- d) sera-**bu**⁷ ‘vela’
cera-CLF.cilíndrico e flexível

Outros nomes que denotam animais podem receber o classificador *-tup/-dup* ‘laminar’. Diferentemente de *-pu/-bu*, *-tup/-dup* refere-se apenas à forma ‘laminar’ dos referentes:⁸

- (12) Animais classificados com *-tup/-dup*
- a) warepupu-**dup** ‘borboleta’
borboleta-CLF.laminar
- b) ãwap-**tup** ‘arraia’
arraia-CLF.laminar
- c) pako-**dup** ‘pacu’
pacu-CLF.laminar
- d) mureo-**dup** ‘morcego’
morcego-CLF.laminar

⁷ Esse exemplo sugere que os classificadores, em Mundurukú, possam também fazer referência ao material de que é feito o referente. Torna-se um exemplo interessante porque “vela” não é exatamente flexível, mas “cera”, material do qual a vela é feita, é um material que derrete e, dessa forma, apresenta maior flexibilidade.

⁸ No caso de *-tup/-dup*, a forma ‘laminar’ implica também certa flexibilidade.

No domínio semântico “artefatos”, também existem nomes não classificados, embora tenham, de certo modo, superfície achatada e plana; porém, esses nomes não atendem aos critérios de forma (semelhante a uma folha), por isso não recebem o classificador.

(13) Nomes de artefatos não classificados

- a) ũrũ ‘rede’
- b) kise ‘faca’
- c) wiap ‘abano’

Os exemplos em (14) apresentam a ocorrência do classificador *-'ip*. Até certo momento de nossa análise, esse classificador fazia parte do grupo dos que fazem referência somente à consistência. Martines (2007), porém, argumenta que tal classificador faz referência ao material do objeto cujo nome é classificado por ele. Ou seja, nomes classificados com *-'ip* teriam referentes feitos de pau/madeira. De fato, tal afirmativa parece aplicável aos exemplos, como os ilustrados em (14). Trata-se, porém, de um dos classificadores mais restritos, cuja ocorrência se atesta, basicamente, em nomes de artefatos. A semântica desse classificador precisa ser investigada mais a fundo. Por isso, optamos por isolá-lo em uma categoria específica (ver Quadro 1), que precisa ser mais detalhadamente investigada para que se reafirme ou não a existência desse quarto grupo de classificadores.

(14) Nomes classificados com *-'ip* – artefatos

- a) daxa-**'ip** ‘fósforo’
fogo-CLF.**feito de pau/madeira**
- b) rapi-**'ip** ‘lápiz’
lápiz-CLF.**feito de pau/madeira**
- c) nane-**'ip** ‘vara’
vara-CLF.**feito de pau/madeira**

Com a exposição dos exemplos acima, queremos demonstrar que os conceitos semânticos de FORMA e CONSISTÊNCIA são essenciais para que um nome seja classificado ou não dentro de um domínio semântico. Para que um nome receba um classificador, é necessário que o seu referente possa ser semanticamente categorizado pela forma e/ou consistência referenciada(s). Não existe na língua um classificador que faça referência a seres que voam ou têm asas, por exemplo. Contudo, nomes classificados como *warepupudup* ‘borboleta’ e *mureodup* ‘morcego’, referem-se a seres que voam e tem asas como referentes, porém o classificador *-tup/-dup* não faz referência à propriedade de voar/ter asas, mas à forma laminar desses referentes.

3.2 Proposta de inventário de classificadores

Como dito anteriormente, nosso foco é discutir a semântica dos classificadores, aspecto relevante para caracterizar e diferenciar os classificadores dos nomes inalienáveis dos quais eles se originam, já que classificadores têm, obrigatoriamente, significado de natureza metafórica.

Propor um conjunto de classificadores baseando-se apenas no critério semântico seria um tanto cômodo. Por isso, embora tenhamos dado maior relevância ao critério semântico, consideramos também um critério morfossintático para definir um classificador. Classificador forma nome morfologicamente composto com a raiz nominal que classifica, enquanto nome

inalienável (de onde deriva o CLF) constitui sintagma nominal com o seu possuidor. Nossa análise difere da de Gomes (2006, 2009), para quem tanto classificador como nome inalienável constituem sintagma nominal com o nome com que se relacionam.

Não é objeto do presente artigo a morfossintaxe dos classificadores do Mundurukú, mas, para encerrar essas pequenas considerações sobre esse aspecto, um argumento a favor da nossa análise de que classificadores formam nome com a raiz que classificam é a formação de nomes a partir de verbos através de um classificador, como se observa nos exemplos (15) e (17) abaixo.

(15)ka'õg-tot

varrer-CLF.agrupado

'vassoura' (lit.: cacho para varrer)

(16) ayacat

ka'õg-'õg

mulher

varrer-RED

'a mulher está varrendo'

(17) koykoy-dup

remar-CLF.laminar

'remo' (lit.: folha para remar)

(18) agokatkat

je-koykoy

homem

COREF-remar-RED

'O homem está remando'

Sendo assim, os classificadores apresentados no Quadro 1, a seguir, foram considerados aqui como tais por (i) possuírem significados de natureza metafórica e (ii) por constituírem nomes morfológicamente compostos com a raiz nominal que classificam. Ressaltamos que o critério semântico foi o mais decisivo, mas o critério morfossintático de um classificador ser uma raiz nominal presa foi tão importante quanto o critério semântico para definir um classificador. A lista que propomos contém 12 classificadores, aqueles que, semanticamente, se originam de nomes inalienáveis, mas cujos significados sinalizam uma característica inerente, forma e/ou consistência, do referente ao qual se associam. O classificador {'-ip}, aqui classificado como 'material', também incorpora o conceito de 'forma cilíndrica, fina' de consistência 'rígida', que lembra o caule/tronco de uma planta. Em relação a {'-tõm/-nõm}, Picanço (2019) diz que, historicamente, *-tõm originou-se da palavra para 'cérebro'; sincronicamente, esse classificador ocorre na palavra para 'massa encefálica', *yabinõm*, e na construção para 'massa de beiju', *xĩntõm*. Se, historicamente, {'-tõm/-nõm} teve origem em uma parte do corpo, enquanto classificador, parece ser a denotação 'massa' que dá origem ao significado metafórico 'triturado/pó', sugerindo um processo de inovação ou extensão semântica, pois é esse sentido que se aplica a *nobanonõm* 'pólvora' e *kapenõm* 'café (moído)'. Desse modo, mantivemos o significado 'massa' por ser o apresentado em Crofts (1985/2004) e Martines (2007), e por ser esse o significado sincrônico do nome.

Esse classificador ocorre na palavra para 'massa encefálica', *yabinõm*, e na construção para 'massa de beiju', *xĩntõm*. O sentido original parece ser 'massa', que dá origem ao significado metafórico 'triturado/pó'. É esse sentido que se aplica a *nobanonõm* 'pólvora' e *kapenõm* 'café (moído)'.

Classificador		Significado primitivo	Significado metafórico
-tup/-dup	Somente forma	<i>folha</i> ex.: ako dup ‘folha da bananeira’	<i>Laminar</i> ex.: warepupdup ‘borboleta’
-'a		<i>cabeça</i> ex.: napēnu 'a ‘cabeça da centopeia’	<i>ovular</i> ex.: baraxī'a ‘melancia’
-tot/-dot		<i>cacho</i> ex.: ako dot ‘cacho da bananeira’	<i>Agrupado</i> ex.: ka'ōgtot ‘vassoura’
-'uk		<i>estômago/ventre</i> ex.: i'uk ‘barriga (dele)’	<i>oco</i> ex.: komupi'uk ‘timbó’
-pi/-bi		<i>boca</i> ex.: bio bi ‘boca da anta’	<i>Côncavo</i> ex.: witabi ‘caverna’
-ti/-di	Somente consistência	<i>água</i> ex.: idibi ‘água/rio’	<i>líquido</i> ex.: kawedi ‘cachaça’
-tiḡ/-diḡ		<i>fumaça</i> ex.: e diḡ ‘fumaça de cigarro’	<i>Pulverizado</i> ex.: kabidiḡ ‘névoa’
-tōm/-nōm		<i>massa</i> ex.: xīn tōm ‘massa de beijú’	<i>triturado/pó</i> ex.: nobanonōm ‘pólvora’
-pu/-bu	Forma e consistência	<i>dedo/mão</i> ex.: Biboy bu ‘dedo do Biboy’	<i>cilíndrico e flexível</i> ex.: musurebu ‘poraquê’
-pa/-ba		<i>braço</i> ex.: ayacat pa ‘braço da mulher’	<i>cilíndrico e rígido</i> ex.: kopoba ‘cupuaçu’
-ta/-da		<i>semente</i> ex.: kape da ‘semente de café’	<i>pequeno e rígido</i> ex.: kasopta ‘estrela’
-'ip	material	<i>árvore/pau</i> ex.: jarāy 'ip ‘laranjeira/pé de laranja’	<i>feito de pau/madeira</i> ex.: rap'i'ip ‘lápiz’

Fonte: Costa (2022, p. 52-53)

Está claro que os significados dos classificadores nominais, em Mundurukú, têm natureza metafórica, resultante de um intercâmbio com os significados dos nomes inalienáveis dos quais se originam. Nesse sentido, os classificadores em Mundurukú dispõem de origem lexical claramente identificável. Isso nos permite indicar, por exemplo, os domínios semânticos dos quais se originam os classificadores. Como aponta o Quadro 2, são três os domínios semânticos fonte claramente identificáveis.

Quadro 2 – Domínios semânticos de origem dos classificadores em Mundurukú

Domínios semânticos	Classificadores
Corpo humano	-'a
	-'uk
	-pi/-bi
	-pu/-bu

	-pa/-ba
	-tôm/-nôm
Vegetal	-tup/-dup
	-tot/-dot
	-'ip
	-ta/-da
Natureza	-tiğ/-diğ
	-ti/-di

Fonte: Adaptado de Costa (2022, p. 63)

Dos nomes de partes do corpo humano, originam-se os classificadores *'a*, *'uk*, *pi/-bi*, *pu/-bu*, *pa/-ba*; além de *tôm/-nôm* que parece ter origem, pelo menos historicamente, na palavra para “cérebro” (PICANÇO, 2019). Dos nomes de partes relacionadas a vegetais obtemos *tup/-dup*, *tot/-dot*, *'ip* e *ta/-da*, e dos nomes relacionados a elementos da natureza, *tiğ/-diğ* e *ti/-di*.

Confere à semântica a sistematicidade da classificação nominal em Mundurukú. Nessa língua, nem todos os nomes são passíveis de classificação. O que leva um nome a ser classificado é o fato de o referente dele poder ser categorizado pela(s) propriedade(s) semântica(s) a que remete(m) determinado classificador.

Conforme indicam os nossos dados, somente nomes de frutos de um modo geral, de animais, de elementos da natureza, de artefatos (aqui consideramos tanto objetos culturais como objetos de uma maneira geral) e nomes emprestados são classificados em Mundurukú. O Quadro 3 apresenta de forma sintética os classificadores e seus respectivos domínios semânticos de ocorrência.

Quadro 3 – Domínios semânticos de ocorrência dos classificadores em Mundurukú

Classificadores	Domínios semânticos de ocorrência
<i>'a</i> (5 domínios)	Frutos ex.: tado'a 'uxi'
	Animais ex.: nôğ'a 'pulga'
	Natureza ex.: co'a 'monte, morro'
	Artefatos ex.: wa'i'a 'cabaça'
	Empréstimos ex.: rata'a 'lata'
<i>ta/-da</i> (4 domínios)	Frutos ex.: cojoda 'tucumã'
	Animais ex.: poroda 'carrapato'
	Natureza ex.: kasopta 'estrela'
	Empréstimos ex.: bōbōx-ta 'bombom'
<i>pu/-bu</i> (3 domínios)	Animais ex.: puybu 'cobra'
	Natureza ex.: aopaopu 'sereno da manhã'
	Artefatos ex.: ixibu 'corda'
<i>tup/-dup</i> (3 domínios)	Animais ex.: warepupudup 'borboleta'
	Artefatos ex.: koykoydup 'remo'
	Empréstimos ex.: pacudup 'pacu (peixe)'

-ti/-di (3 domínios)	Frutos	ex.: kapedi ‘café’
	Natureza	ex.: iodi ‘lago’
	Artefatos	ex.: ixepiti ‘óleo’
-'ip (2 domínios)	Artefatos	ex.: nane'ip ‘vara’
	Empréstimos	ex.: rapi'ip ‘lápiz’
-'uk (2 domínios)	Artefatos	ex.: parasuy'uk ‘taboca’
	Empréstimos	ex.: tambo'uk ‘tambor’
-pi/-bi (2 domínios)	Natureza	ex.: witabi ‘caverna’
	Artefatos	ex.: kobebi ‘fundo da canoa’
-tõm/-nõm (2 domínios)	Frutos	ex.: kapenõm ‘café (pó)’
	Artefatos	ex.: nobanonõm ‘pólvora’
-tiḡ/-diḡ (1 domínio)	Natureza	ex.: kadiḡ ‘poeira’
-pa/-ba (1 domínio)	Frutos	ex.: dari'ün'ünpa ‘jutaí
-tot/-dot (1 domínio)	Artefatos	ex.: ka'õḡtot ‘vassoura’

Fonte: Costa (2022, p. 64-65)

Como explicita o quadro, existem classificadores que ocorrem em determinados domínios semânticos, mas não em outros. *-pa/-ba* ‘cilíndrico e rígido’, por exemplo, é restrito aos nomes de frutos; enquanto *-a* ‘ovular’ ocorre em todos os cinco domínios semânticos em que atestamos ocorrência de classificação. Levando em consideração o número de domínios em que um classificador ocorre, *-a* se apresenta como o mais produtivo dos 12 presentes em Mundurukú. Do outro extremo da escala de produtividade, encontra-se *-tot/-dot* ‘agrupado’, que tem uma única ocorrência em um único domínio semântico.

4 Considerações finais

Apresentamos que os classificadores nominais, em Mundurukú, são raízes nominais presas cujos significados foram metaforicamente construídos com base nos significados dos nomes inalienáveis dos quais eles se originam. Partindo disso, propomos que existem, pelo menos, 12 classificadores em Mundurukú, que estão divididos em (i) classificadores que fazem referência apenas à forma, (ii) classificadores que fazem referência apenas à consistência e (iii) classificadores que fazem referência, concomitantemente, à forma e à consistência (cf. Quadro 1).

Demonstramos também que os classificadores se originam, basicamente, de três domínios semânticos em Mundurukú: corpo humano, vegetais e elementos da natureza. A ocorrência deles é restrita aos nomes de frutos, de animais, de elementos da natureza, de artefatos e em nomes emprestados. Nomes cujos referentes são humanos não são classificados na língua. A produtividade de cada um dos classificadores foi apresentada no Quadro 3.

Por fim, a classificação nominal em Mundurukú parece ter uma sistematicidade de motivação semântica, uma vez que nomes de animais e seres inanimados de uma maneira geral

podem ser classificados, desde que seu referente possa ser semanticamente categorizado pelos conceitos expressos pelos classificadores.

Referências

- ALLAN, Keith. Classifiers. **Language**, vol. 53, p. 284-310, 1977.
- CHAPPELL, Hilary & MCGREGOR, William. Alienability, Inalienability and Nominal Classification. **Proceedings of the Fifteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, vol. 15, p. 24-36, 1989.
- COMODO, Cristina Helena Rohwedder. **Concordância em Mundurukú**. 1981. 54 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Campinas, Campinas, 1981.
- CROFTS, Marjorie. **Gramática Mundurukú**. Brasília: Publicações do SIL, 1973.
- CROFTS, Marjorie. **Dicionário bilíngue: em mundurukú e português**. 2. ed. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- CROFTS, Marjorie. **Mundurukú Word List**. 1986.
- CROFTS, Marjorie. **Aspectos da Língua Mundurukú**. Brasília: Publicações do SIL, 1985. [Republicação online, 2004. Disponível em: <http://www.silbrasil.org.br/resources/archives/17033>] Acesso em: 01 de julho de 2022.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- COSTA, Edilson Pinheiro da. **Estudo dos classificadores nominais em Mundurukú (Tupí)**. 2022. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.
- GOMES, Dionei Moreira. **Estudo morfológico e sintático da língua mundurukú (Tupí)**. 2006. 296 f. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- GOMES, Dionei Moreira. **Classificação nominal em Mundurukú: forma, função e tipologia**. Revista Liames, Campinas, vol. 9, n. 1, p. 7-25, 2009.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- MARTINES, George Vergés. **Aspecto semânticos dos nomes classificados em Mundurukú**. 2007. 91 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PICANÇO, Gessiane. **Mundurukú: Phonetics, Phonology, Synchrony, Diachrony**. 2005. 424 f. Tese (doutorado) – The University of British Columbia, Canadá, 2005.
- PICANÇO, Gessiane. Introdução ao Mundurukú: fonética, fonologia e ortografia. **Cadernos de Etnolinguística**, Série Monografias, 3, 2012.
- PICANÇO, Gessiane. **A fonologia diacrônica do Proto-Mundurukú (Tupí)**. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

Recebido em 29/10/22

Aceito em 03/12/22